

APRESENTAÇÃO



Induzindo a ler, induzindo a traduzir – à guisa de um guia de leitura

Piotr Kilanowski¹

Universidade Federal do Paraná

Resumo: O presente texto é apresentação do dossiê especial. Além de discutir as contribuições, ele mostra, traçando o perfil de textos e autores, a história e crescimento do Curso de Letras-Polonês e do Centro dos Estudos Poloneses da Universidade Federal do Paraná.

Palavras-chave: Curso de Letras Polonês na UFPR. Centro de Estudos Poloneses (CEPOL). Tradução literária. Análise literária.

Inducing to read, inducing to translate – a reading guide to the issue

Abstract: This text is a presentation of the special dossier. In addition to discussing the contributions, it shows, by tracing the profile of texts and their authors, the history and growth of the Polish Language Course and the Center for Polish Studies at the Federal University of Paraná.

Keywords: Polish Language Course at UFPR. Center for Polish Studies (CEPOL). Literary translation. Literary analysis

Quando, em 2014, aceitei com alegria o gentil convite de Dirce Waltrick Amarante e Sérgio Medeiros para escrever algo para a revista *Qorpus*, nem em meus sonhos mais ouvidos imaginava que essa colaboração seria tão intensa, longa, frutífera e motivante. Muito menos que, oito anos depois de estreiar na *Qorpus*, estaria redigindo o prefácio para um número especial dedicado à literatura e cultura polonesas e estou fazendo isso agora.

Este dossiê especial documenta de alguma maneira o trabalho que está sendo desenvolvido há 13 anos no Curso de Letras Polonês da UFPR, e fico extremamente feliz que constem dele, além das contribuições dos meus colegas Alicja Goczyła Ferreira e Marcelo Paiva de Souza, trabalhos de nossos egressos: Eneida Favre, a primeira graduada no curso e hoje tradutora, Luiz Henrique Budant, Márcia Kowalczyk, Milena Woitowicz Cardoso, Sara Adriana Voltolini e Jonathan Mendes Caris. Além disso, pudemos contar também com colaborações de alunas e alunos tanto do Curso de Letras Polonês quanto de outros Cursos de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPR.

Com exceção de uma tradução, todos os textos aqui apresentados nasceram no âmbito do nosso Curso de Letras Polonês ou tem sua origem relacionada diretamente à sua atuação. Esse dossiê serve como documentação do desenvolvimento que se deu na área da polonística brasileira ao longo dos anos, desde a fundação do curso. E, no entanto,

¹ Professor de literatura polonesa e de tradução literária da UFPR, tradutor de poesia, fundador e coordenador do Centro de Estudos Poloneses (CEPOL) da UFPR. E-mail: emaildopiotr@gmail.com. <https://orcid.org/0000-0003-0803-4291>.

é preciso ter em mente que esse dossiê não reflete diretamente os trabalhos que também ocorrem na área de estudos linguísticos e da didática polonística, sendo, portanto, uma fração apenas, uma amostra de tudo que está sendo realizado.

O nosso dossiê, embora dividido em partes que contêm artigos e traduções, não segue essa divisão à risca. Há artigos sobre as traduções acompanhados por elas e todas as traduções estão precedidas por curtos artigos de apresentação. Esse é também o caso do texto que abre a primeira seção, “*O piano de Chopin*”. Nele, Marcelo Paiva de Souza, além de nos brindar com a tradução de sua autoria e de Henryk Siewierski do poema “O piano de Chopin”, de Cyprian Kamil Norwid, também nos apresenta outros escritos seus sobre o compositor polonês, além de passar em revista vários “retratos” de Chopin elaborados, entre outros, por Mário de Andrade, Zbigniew Herbert, Eugène Delacroix, August Zamoyski e Louis-Auguste Bisson. A segunda parte do artigo, dedicada à leitura do poema de Norwid, nos permite ver a obra pelos olhos de seu tradutor, ou seja, um dos leitores mais atentos que existem.

Se o primeiro artigo nos aproxima do Brasil por meio de retratos brasileiros de Chopin, o segundo nos leva para o Brasil que prova ser um país exótico não apenas para a Polônia, mas para o próprio Brasil. *Polônia na Colônia: anotações do diário de campo de uma pesquisadora iniciante*, de Alicja Goczyła Ferreira, é um relato quase antropológico, um ensaio com qualidades literárias que narra o encontro da pesquisadora com os descendentes dos imigrantes poloneses, sua língua e sua cultura. Um encontro em que o estranhamento anda de mãos dadas com a identificação, sendo uma experiência única de quem pertence a dois mundos – polonês e brasileiro – e observa outras pessoas que vivem continuamente essa identidade híbrida, mesmo sem nunca terem saído do Brasil.

O bloco de quatro textos seguintes é fruto da disciplina sobre poesia polonesa, que foi ministrada por mim no primeiro semestre de 2021 no Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPR. Entre vários trabalhos excelentes recebidos, estes foram reelaborados ao longo do segundo semestre para fazer parte deste dossiê, sendo que três deles foram apresentados no evento *Encontros com a poesia polonesa – diálogos*², que se configurou numa espécie de fechamento do curso de extensão *Encontros com a poesia polonesa* ministrado por mim ao longo do ano passado. Tanto o curso quanto o evento podem ser assistidos pelos interessados no canal do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPR³ no YouTube.

² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=d8ryTfuAZPQ>.

³ Link para o canal: <https://www.youtube.com/channel/UCYSTD4eamAtFZ-i7VsmvFzQ>.

O primeiro desses artigos, *O incessante desejo feminino em poemas de Anna Świrszczyńska e Hilda Hilst*, de autoria de Suéilton de Oliveira Filho, apresenta uma sensível e instigante comparação entre os poemas de Anna Świrszczyńska e Hilda Hilst, cujas protagonistas lidam com o desejo sexual na velhice. Na leitura do autor, o desejo é apenas mais uma das máscaras da constante luta para se manter na crista de vida, e as autoras, embora tão distantes e diferentes, apresentam também similaridades notáveis no olhar do pesquisador.

No artigo que se segue, Luiz Carlos Abdala Júnior aborda *O ritmo do silêncio na tradução do poema (***) não consegui salvar*, de Jerzy Ficowski. Partindo de uma minuciosa análise estrutural do poema aliada à pesquisa a respeito de contextos da obra, o autor aplica o conceito de ritmo de Henri Meschonnic, mostrando como Ficowski e seu tradutor trabalharam para imprimir o efeito do silêncio por meio de palavras poéticas.

O próximo trabalho nos traz de volta Anna Świrszczyńska com suas meditações poéticas a respeito da corporalidade analisadas por Pâmela Nogarotto. No seu artigo, *A somatização poética em Anna Świrszczyńska*, a autora parte da ideia do poema somático de Aleksander Wat e, com a ajuda das reflexões de Wojciech Ligęza, Anna Nasiłowska e Jean-Luc Nancy, procura mostrar os poemas da polonesa como um texto-corpo que une a arte com a biografia, o corpo com a mente.

O último dos artigos deste bloco é de autoria de Luiz Henrique Budant que se aventura na jornada *Em busca de palavras que já existiram: notas sobre Jerzy Ficowski e Bruno Schulz*. Jerzy Ficowski reaparece no nosso dossiê, desta vez não apenas como poeta na visão de seus leitores, mas também como um leitor que transforma seus fascínios em poesia e tentativa da compreensão e divulgação da obra alheia. O outro nesse caso é Bruno Schulz, um dos autores mais importantes para Ficowski que, por sua vez, fez pela sua obra algo semelhante ao trabalho executado por Max Brod pela obra de Franz Kafka: tentou salvar as palavras efêmeras e eternas de oblvio.

Os quatro textos seguintes formam uma espécie de terceiro bloco da parte do dossiê destinada a artigos. Todos eles foram escritos em disciplinas de graduação: três deles na disciplina de Introdução à poesia polonesa que ministrei em 2020 e um na disciplina de Literatura Polonesa ofertada por mim no final de 2020 e início de 2021. No primeiro deles “*É duro morrer, é duro matar*”: *A imagem do inimigo em poemas selecionados de Anna Świrszczyńska*. Sua autora, Milena Woitovicz Cardoso, analisa alguns poemas do livro de Anna Świrszczyńska do livro *Eu construía a barricada*, que apresentam como tema a figura do inimigo. A postura da poeta que vê a humanidade do inimigo é colocada em diálogo com escritos nos quais Janusz Korczak, Zbigniew Herbert e Władysław Szlengel expressam um olhar semelhante.

No artigo seguinte, escrito por Heloísa Helena de Azevedo, “*Duas gotas*” de *Zbigniew Herbert contra a destruição de tudo*, a autora interpreta o poema de Herbert como uma mitificação do amor que seria a força oposta à destruição provocada pela guerra. Sua leitura coloca o poema e a poesia em geral em diálogo com reflexões de Viktor Klemperer sobre a linguagem totalitária, da qual a linguagem poética seria o contrário, e com as reflexões sobre a procura impossível de uma linguagem capaz de expressar o desastre, vindas da interpretação do poema de Czesław Miłosz “*Campo di Fiori*”. A ideia inicial do texto, concebida durante a disciplina, foi desenvolvida e aperfeiçoada durante a pesquisa da autora no âmbito do Programa de Iniciação Científica.

O trabalho que se segue *O século insano de Zbigniew Herbert em “A Ryszard Krynicki – uma carta”*, de autoria de Helena Nazareno Maia, também escolhe um poema de Herbert como o ponto central de suas considerações. O poeta é posto em diálogo com T.S. Eliot, autor cuja obra o inspirou, e com Walter Benjamin. A autora, por meio de uma leitura sensível e profunda, procura desenhar a imagem do século XX no poema-carta de Herbert a Krynicki e, junto com o poeta, medita sobre o papel de poesia nesse século cruel.

No último trabalho desse bloco, Matheus Moreira Pena faz uma minuciosa análise do encontro de dois gigantes da cultura polonesa do século XX: o poeta, prosador, dramaturgo e político Jarosław Iwaszkiewicz e o diretor de cinema Andrzej Wajda. No entanto, o título *O bosque de bétulas de Iwaszkiewicz e Wajda* não menciona um terceiro integrante do diálogo artístico, o grande pintor simbolista polonês Jacek Malczewski, cujas pinturas inspiraram cenas do filme *Brzezina*, de Wajda, baseado no conto de Iwaszkiewicz. O diálogo das obras é apresentado pelo autor em forma de um estudo a respeito das possibilidades e limitações dos meios de expressão artística e da iluminação mútua das obras.

Os dois últimos textos da seção de artigos não são *sensu stricto* artigos, mas prefácios escritos por mim para duas obras cujos fragmentos encontraremos na seção de traduções. Optei por incluí-los no dossiê por acreditar que tais prefácios poderiam ampliar a leitura e introduzir melhor os textos traduzidos por Matheus Moreira Pena e Milena Woitovicz Cardoso (Stefan Grabiński) e por Luiz Henrique Budant (Aleksandra Pluta e Liliana Syrkis). Imagino que também, de algum modo, mostram o processo e o espírito dialógico e colaborativo que norteia as ações do Centro de Estudos Poloneses, sobre o qual contarei mais ao comentar as traduções.

O primeiro texto, *O demônio do apressamento*, além de situar Stefan Grabiński, autor de contos de terror que fascinaram poloneses na primeira metade do século XX, procura refletir também sobre o fato dele ser o precursor do terror moderno. Na sua obra

o lugar dos tradicionais vampiros e fantasmas é ocupado pela tecnologia moderna e pelos seres metafísicos com ela relacionados. Em *O demônio do movimento* (título do livro traduzido) o protagonista titular e indefinido de Grabiński pode ser visto tanto como o *spiritus movens* da humanidade, como o espírito da civilização contemporânea, sempre apressada, sempre atrasada, sempre ocupada mais com se deslocar rapidamente do que em se aprofundar na vida, no texto, no outro.

O texto que fecha a seção de artigos apresenta o livro de entrevistas feitas por Aleksandra Pluta com poloneses que encontraram seu lar no Brasil e com seus descendentes. A maioria dos entrevistados se estabeleceu no Rio de Janeiro e, por isso, o título do livro é *O caminho para o Rio*. Devido a complicações editoriais, o volume ainda não foi publicado na sua versão brasileira. O texto *No caminho pelo rio da vida* tenta fazer jus ao livro que preenche lacunas da história por meio das memórias vivas e constitui não apenas uma aula e um documento de história falada, mas também uma fantástica (auto)reflexão a respeito de pessoas com identidades nacionais híbridas. Graças ao esforço de Aleksandra Pluta de encontrar interlocutores maravilhosos e da sua arte de escutar, podemos conviver com as memórias daqueles protagonistas que, fugindo dos totalitarismos, depois de passarem por campos nazistas ou soviéticos, aportaram no Rio e iniciaram vidas novas. Meu texto traz ainda um poema de um dos maiores poetas poloneses, Julian Tuwim e relembra a história de seu surgimento, descoberta por meio das memórias de um dos entrevistados no livro.

A segunda seção do dossiê é dedicada às traduções. *Se habent sua fata libelli*, não é diferente com traduções. Não só possuem seus destinos (a depender dos leitores e tradutores) como suas histórias. Nessa parte da introdução gostaria de contar um pouquinho dessas histórias, pois elas nos ajudam a ver o cenário do desenvolvimento da tradução de literatura polonesa proporcionado pela atuação do curso de Letras Polônês da UFPR.

A primeira das traduções, o manifesto *Nós, judeus poloneses*, de Julian Tuwim, de autoria da professora Marta Francisca Topel, era utilizada pela tradutora em aulas na Universidade de São Paulo. Graças às conversas que tivemos, em 2021, a respeito de uma outra tradução que está sendo elaborada sob a sua orientação, descobrimos o apreço compartilhado por Tuwim, que ocasionou a ideia de publicarmos essa tradução. Tuwim era uma das figuras fortemente presentes na infância judaica e plurilíngue da autora. A tradutora escreve um artigo no qual evoca essa presença e esse manifesto de Tuwim:

Não conheço palavras para descrever o manifesto, só posso dizer que cada vez que o leio me arrepio da cabeça aos pés. Também acontece que quando releio o manifesto, sinto a presença da minha avó como

alguém que o está lendo comigo, meneando a cabeça de cima para baixo em alguns trechos e vertendo lágrimas e chorando convulsivamente em outros. Me parece ouvir a minha avó dizendo baixinho: “viu?, entendeu?, entende?”⁴

Sou desses tradutores que acreditam que esse tipo de relacionamento com o texto a traduzir garante que pelo menos uma parte da emoção será transmitida para o leitor no texto traduzido. E fico extremamente feliz que a tradutora o compartilhou conosco.

É também importante que justamente esse texto abra a parte do dossiê destinada a traduções: um texto propositadamente esquecido pela propaganda da Polônia comunista, que queria, de alguma maneira, incorporar o Holocausto ao martírio polonês, sem lembrar, devidamente, que foi destinado aos judeus. Assim os cerca de três milhões de judeus poloneses assassinados pelos nazistas se somavam aos cerca de três milhões de poloneses assassinados, formando o número oficial de 6.028 milhões poloneses. Na estranha competição de martírios não se mencionava que esse número para judeus poloneses constituía cerca de 90% de sua população, enquanto os poloneses assassinados eram cerca de 10% da população. Não se comentava o fato de Julian Tuwim, o grande poeta polonês, ser de origem judaica, e seu manifesto foi oficialmente publicado na Polônia somente depois da queda do sistema comunista pela Fundação Shalom que tenta resgatar a cultura de judeus poloneses. O fato de esse texto abrir a seção das traduções reflete um dos eixos em que se baseia o Centro de Estudos Poloneses (CEPOL) da UFPR: apresentar a cultura multiétnica e plurilíngue da Polônia.

O CEPOL, embora fundado em 2020, já surgia antes aos poucos e as traduções apresentadas adiante contam um pouco dessa história. Embora a tradução seguinte, em que Luiz Henrique Budant lida transcriativamente com um dos poemas satíricos de Tuwim, não tenha sido fruto direto do trabalho com tradução no âmbito da UFPR, seu autor, Luiz, junto com Eneida Favre, Márcia Kovalczyk e Sônia Eliane Niewiadomski fizeram parte do primeiro esforço em criar um grupo, que teve como objetivo se aventurar na tradução literária. Ao longo dos anos 2011-2013, nos encontramos nos cursos de extensão que organizei para praticar esse ofício. Os efeitos diretos desses encontros são representados aqui no dossiê pelos três textos seguintes. Os resultados de alguns dos trabalhos executados diretamente no âmbito do CEPOL poderão ser encontrados mais adiante.

Dois deles provêm do mesmo livro, *Gottland*, de Mariusz Szczygieł, um dos mais interessantes exemplos do jornalismo literário polonês. Szczygieł ao mesmo tempo em

⁴ TOPEL, Marta Francisca. Memória e pós-memória da Shoah: um olhar autobiográfico. *Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG*. Belo Horizonte, v. 13, n. 24, maio 2019, s.p.

que tenta retratar os tchecos, descortina nesse livro a instigante história da Europa Central. A República Tcheca, antiga Tchecoslováquia, sua história e cultura fascinam o autor e essa fascinação permite que ele encontre e nos apresente com retratos de pessoas e situações incríveis. É assim no caso da reportagem *Prova de amor* que conta a história do maior monumento a Stalin no mundo. Os seis anos de sua construção (1949-1955) e sete anos da sua existência, antes de ser derrubado em 1962, no entanto, não terminam essa história. Szczygieł mostra como o passado representado pelo monumento até hoje assombra os tchecos. O tradutor do texto, Luiz Henrique Budant, com quatro contribuições para essa edição, sem dúvida é, ao lado de sua colega de turma Eneida Favre, uma das provas de que o curso de Letras Polônês da UFPR cumpre seu propósito de disseminar a cultura da Polônia no Brasil. Na sua tradução do poema de Tuwim, *Uma página dos feitos da humanidade*, o exemplo de diversão mais popular e massificada na Polônia dos anos 1930, o cinema, é surpreendentemente domesticado: açai. Se pensarmos que o objeto da sátira do poema são aqueles que não saem do lugar comum e querem levar a vida medíocre e superficial de sempre da humanidade, o açai, que reúne em torno de si os correspondentes contemporâneos exatos dos protagonistas no Brasil, ganha um outro sabor.

Na tradução de Szczygieł, que completa dez anos em 2022, ainda não se percebe o tradutor transcriador, mas também o texto não exige esse tipo de tratamento. Vemos o tradutor preciso, consciente, que, junto com o autor, nos conta uma história incrível num ritmo que prende a atenção do início ao fim. E quando juntamos o poema de Tuwim e os dois textos de Szczygieł, percebemos que todos eles poderiam ser chamados de *Uma página dos feitos da humanidade*. A história tcheca contada por um polonês no português de seus tradutores parece surpreendentemente atual no país em que vivemos.

Lendo o texto seguinte de Szczygieł, *Nem um passo sem Bata*, conhecemos a história da família Bata, fabricantes de sapatos que almejaram criar um capitalismo que tivesse uma face humana. E, certamente, seu feito foi apreciado nos tempos do comunismo, que acabou sendo mais opressor, como mostra o texto. Aliás, uma das surpresas que o texto de Szczygieł nos oferece é que um dos seus protagonistas, Jan Antonín Bata, foi fundador de cidades como: Bataiporã, Bataguassu, Batatuba, Anaurilândia e Mariápolis quando veio para o Brasil fugindo dos nazistas.

Eneida Favre, que traduziu esse texto e um dos que se seguem, é hoje uma das mais importantes e mais ativas tradutoras de literatura polonesa no Brasil. Tradutora precisa, exigente consigo mesma, perfeccionista e prolífica, Eneida é responsável por mais de dez livros publicados por aqui ao longo dos últimos cinco anos. Stanisław Lem, Wisława Szymborska, Wojciech Tochman, Adam Zagajewski, entre outros,

deixaram de ser desconhecidos ou passaram a ser mais conhecidos no Brasil graças à sua atuação tradutória.

O último dessa série de textos produzidos há dez anos é *Cão raivoso*, de Wojciech Tochman, vertido por Márcia Kowalczyk. Embora ela não tenha seguido o caminho da tradução literária, a escrita sensível de Tochman em sua versão ajudou a convencer os editores de que seus livros deveriam ser publicados no Brasil. Mesmo que o livro de reportagens que contém *Cão raivoso* não tenha sido traduzido, Eneida Favre traduziu para a editora Âyiné dois livros de Wojciech Tochman que narram os traumas pós-genocídio na Bósnia e em Ruanda. *Cão raivoso* apresenta um outro campo de interesse de Tochman: o lugar do encontro do homem, da fé e da religião institucionalizada.

A próxima sequência de três textos tem seu ponto comum no fato de terem sido frutos de Trabalhos de Conclusão de Curso defendidos por seus autores na nossa Polonística. No caso dos três textos, trata-se apenas de parte do material traduzido nas monografias.

No primeiro texto dessa série encontramos novamente Eneida Favre e sua tradução do texto *Dżesika* de Michał Witkowski, proveniente do seu mundialmente famoso livro *Lubiewo*. Traduzindo Witkowski, pioneiro da literatura queer na Polônia, a tradutora foi obrigada a lidar com o idioleto dos homossexuais poloneses estilizado por Witkowski a uma longa história, ou série de histórias contadas oralmente. O desafio ímpar de primeiramente entender e depois encontrar seu equivalente em português, ao lado de ter de lidar com o estilo do autor, tão único que ganhou em polonês um apelido advindo de seu nome, *witkowszczyzna*, sem dúvida foi vencido pela tradutora. *Dżesika* é apenas uma de muitas histórias que compõem a segunda versão de *Lubiewo*, intitulada *Lubiewo bez cenzury*, que seu autor idealizou como “um Decamerão das bibas” (sic!). Witkowski, embora se reconheça como homossexual, recusa-se a adotar a palavra “gay” vendo nela uma criação da cultura comercial que contribui para fortalecer os estereótipos.

O segundo dos textos desse bloco, *Junto à ferrovia*, parte do livro *Medalhões*, de Zofia Nałkowska, e foi traduzido por Sara Adriana Voltolini. O livro contém relatos pungentes das atrocidades cometidas pelos nazistas na Polônia durante a Segunda Guerra Mundial. Nałkowska era membra do Comitê de Investigação de Crimes Nazistas e, como tal, teve contato com muitas vítimas e seus relatos. O estilo econômico da autora no texto, que também é uma espécie de jornalismo literário, é uma tentativa de encontrar o idioma adequado para expressar o inexpressável. A tradutora além de ter de lidar com o texto testemunhal, precisou também encarar as histórias por trás dos textos. A maioria dos relatos de Nałkowska nesse livro são histórias de judeus vítimas do Holocausto.

A questão sensível aqui inclui a necessidade da autora de adequar o tom à política oficial do Estado, que não queria evidenciar o sofrimento dos judeus e a presença de antissemitismo entre os poloneses, sem deixar de relatar os testemunhos com todos os elementos neles presentes. Como resultado, no conto *Junto à ferrovia*, temos uma história que é tanto universal quanto judaica, que caracteriza sem piedade tanto o ser humano quanto aqueles poloneses em particular envenenados com o antissemitismo. O mérito da tradutora é refletir sobre esta situação no seu conto após minucioso estudo de todos os contextos relacionados com seu surgimento. Esperamos que em breve possamos ver o livro de Nałkowska publicado, uma vez que Sara Adriana Voltolini já concluiu sua tradução de *Medalhões*.

A tradução que fecha o bloco das traduções em monografias finais é uma pequena seleta de poemas do livro de Julian Kornhauser *Origami*. O tradutor, Jonathan Mendes Caris, procurou no seu trabalho esclarecer contextos necessários para compreender e transmitir os sentidos e preocupou-se com a manutenção dos valores poéticos dos versos de Kornhauser. Sua seleta reflete um dos lados da poesia do autor, aquele que é preocupado em pensar e trazer para reflexão a história política da Polônia. O autor, ele mesmo opositor na época comunista, chegou a ser preso e investigado pela polícia secreta do sistema. Como o poeta é de ascendência judaica, uma outra preocupação presente na sua obra é a manutenção da memória do Holocausto relacionada com a sensibilização dos leitores a respeito do perigo do antissemitismo e da intolerância.

Se as traduções anteriores estavam relacionadas com a cristalização da ideia de criar o CEPOL, um espaço que, entre outras coisas, prevê um lugar para traduções colaborativas e supervisionadas, os três textos seguintes já são frutos diretos da atividade do Centro ao longo do último ano e meio. O primeiro deles foi extraído do livro de Stefan Grabiński *Demon ruchu – O demônio do movimento*, publicado em 2021 pela editora Urso. A tradução conjunta de Matheus Moreira Pena e Milena Woitovicz Cardoso, como todas nesse dossiê, com exceção do poema de Tuwim, foi revisada por mim, e esse trabalho acabou dando início ao grupo de tradução colaborativa, em que praticamos a tradução literária de textos cujo grau de complicação os torna particularmente desafiantes. Assim são os contos de Grabiński. Sua forte estilização, uso de arcaísmos e dialetismos, tanto vocabulares quanto sintáticos, um certo exagero nas descrições esmeradas fazem com que seus contos de terror provoquem calafrios peculiares em seus tradutores. Como no texto *O demônio do apressamento* falo mais detalhadamente sobre o autor, menciono aqui apenas o trabalho de alta competência dos tradutores que, sem abrir mão de tentar transmitir a camada estética do texto original,

tentam fazê-lo adaptando as longas e, não raro, truncadas frases do autor para que sejam palatáveis ao leitor brasileiro.

O texto seguinte, *O encontro*, é um de muitos da gaveta tradutória de Matheus Moreira Pena que há certo tempo vem vertendo pequenos contos de Sławomir Mrożek para o português. A escrita irônica do dramaturgo, desenhista e contista polonês, é muitas vezes marcada pela presença do absurdo, que era cotidiano na época da Polônia comunista (temos até o dito aplicado a situações mais absurdas: *isso nem o Mrożek conseguiria inventar*) e constitui um desafio para o tradutor. Conseguir transmitir essas qualidades, ao lado do sarcasmo sempre presente na escrita lapidar do autor, é uma prova de fogo e comprovante da competência tradutória ímpar presente nos textos traduzidos por Matheus.

Na sequência, Regina Maria Pimentel nos presenteia com uma tradução hábil de um fragmento do livro de ensaios de Jacek Dukaj, o mais importante e inventivo escritor de literatura de ficção científica polonesa depois de Stanisław Lem. Embora em seus livros Dukaj seja dado a experimentos linguísticos dos mais variados, o desafio nos textos de *Depois da escrita* consiste em transmitir a leveza do estilo em paralelo à erudição de seu autor e sua profunda reflexão a respeito da humanidade contemporânea. O texto que, quando publicado, beirava a previsões futuroológicas foi transformado pela vivência digital na época de trabalho remoto ocasionado pela pandemia em reflexão a respeito da realidade que se instalou. A guerra entre o corpo e a mente, que é seu tema central, foi transformada na realidade com que temos de lidar no momento presente. Graças ao trabalho da tradutora temos o primeiro texto do autor, que já inspirou a série de sucesso da Netflix *Into the night*, vertido competentemente ao português. A tradução foi resultado de cerca de um ano de trabalho. Sua primeira versão surgiu na disciplina de Projetos de Aprendizagem e a versão final foi resultado de um processo de polimento artesanal numa disciplina de tradução literária.

O tradutor do próximo texto, Luiz Henrique Budant já foi apresentado anteriormente, então cabe dar aqui mais atenção à sua autora. Aleksandra Pluta há anos trabalha pesquisando vidas de personagens importantes do mundo polono-brasileiro. É autora, entre outros, de livros a respeito de Zbigniew Ziemiński⁵, Andrés Bukowiński⁶ e Yan Michalski (inédito ainda); é também uma pesquisadora, que defendeu em 2020, na UnB, seu doutorado a respeito da recepção dos dramas de Sławomir Mrożek no Brasil. O livro *O caminho para o Rio*, de onde o texto foi extraído, é uma coletânea de entre-

⁵ PLUTA, Aleksandra. *Ziembinski. Aquele bárbaro sotaque polonês*. Trad. Luiz Henrique Budant. São Paulo: Perspectiva, 2016.

⁶ PLUTA, Aleksandra. *Andrés - uma Vida Em Mais de 3 Mil Filmes*. Rio de Janeiro: 5W, 2014.

vistas com importantes personagens polono-brasileiras que imigraram para o Brasil, na sua maioria para o Rio de Janeiro. A entrevista *Da Sibéria até o Brasil* tem como sua protagonista Liliana Syrkis, dona de um ateliê de alta costura no Rio de Janeiro, mãe do tragicamente falecido político Alfredo Syrkis, cuja vida representa mais uma variação da trágica saga dos judeus poloneses, que sofreram não apenas nas mãos dos nazistas alemães, mas também dos comunistas soviéticos.

O texto que fecha a seção das traduções, aberta com o manifesto de Tuwim, é a minha versão do poema *Jerusalém*, em que o poeta Miron Białoszewski olha apavorado e compassivo para o Gueto do outro lado do muro. Mesmo que saibamos que os muros e as separações sejam a infeliz realidade que nos circunda, tanto esse quanto os outros textos traduzidos nesse dossiê lembram do papel da literatura que é de unir, funcionar como um dispositivo de compaixão que ajuda a reconhecer o outro e seus sofrimentos em si mesmo. Essa compreensão da literatura esteve sempre presente na literatura polonesa e serviu de norte para essa seleta. Espero que além de mostrar mais um pouquinho da literatura polonesa do século XX e do trabalho executado na UFPR, os textos selecionados sirvam para provocar reflexões e transformações no mundo que nos cerca.

*

Gostaria de agradecer imensamente a todas e todos que colaboraram nesse dossiê com seus textos e traduções. O trabalho e paixão em conjunto ao longo dos anos transformou colaborações em amizades duráveis. Além de Dirce Waltrick do Amarante, que incansavelmente motiva as traduções e fornece espaço para que sejam divulgadas, também Izabela Drozdowska Broering, que organiza eventos (muitas vezes em momentos inesperados e cruciais) em que podemos compartilhar reflexões e leituras, e ainda meus colegas e minhas colegas do curso de Letras Polônês da UFPR, meus agradecimentos especiais vão para duas companheiras mais fieis e necessárias nessa jornada um tanto solitária de traduzir e trabalhar ativamente em prol da divulgação da cultura polonesa por aqui: Eneida Favre, que sempre me acompanhou aconselhando e revisando traduções e Milena Woitovicz Cardoso, cujo engajamento, organização e trabalho de formiguinha incansável faz com que os projetos se transformem em realidades palpáveis. E a todas e todos que compartilharam comigo suas virtudes ao longo do caminho: Dziękuję bardzo!

